

Tornar-se pai: uma exploração qualitativa da experiência dos homens portugueses

Catarina Silva¹, Cristina Martins² e Cândida Pinto³

¹ ACES Alto Ave, Portugal. catsilva@gmail.com

² Escola Superior de Enfermagem, Universidade do Minho, Portugal. cmartins@ese.uminho.pt

³ Escola Superior de Enfermagem do Porto, Portugal. candidapinto@esenf.pt

Resumo. A parentalidade é um processo em que estão envolvidos pai e mãe. Porém, e apesar de começarem a surgir alguns resultados de investigação sobre a perspetiva paterna, a vivência da mulher neste processo tem sido a privilegiada. Este estudo qualitativo, exploratório, de carácter descritivo, transversal e retrospectivo, procurou compreender as vivências dos homens na transição para a paternidade durante o período pré-natal. Participaram 10 homens a vivenciar, pela primeira vez, a gravidez da parceira. Recolha de dados realizada com recurso a entrevista semiestruturada. Análise de dados com técnica de análise de conteúdo, com categorização semântica e abordagem indutiva. Três temas - “experienciar da transição”, “desenvolvimento da identidade como pai” e “(des)construção de pontes para a transição” - emergiram dos dados. A investigação amplia a compreensão desta transição desenvolvimental e desafia a uma reorientação das práticas profissionais no sentido da inclusão da figura masculina nos cuidados pré-natais.

Palavras-chave: homens; pais; gravidez; enfermagem

Becoming a father: a qualitative exploration of Portuguese men' experiences

Abstract. Parenthood is a process in which father and mother are involved. However, and although some research results on the paternal perspective begin to emerge, the experience of women in this process is that it has been privileged. This qualitative, exploratory, descriptive, transversal and retrospective study sought to understand the experiences of men in the transition to fatherhood during the prenatal period. Participation of 10 men experiencing, for the first time, the pregnancy of their partners. Data collection using a semi-structured interview. Data analysis with content analysis technique, with semantic categorization and inductive approach. The themes "experiencing transition", "developing of identity as a father" and "(de)construct bridges to transition" emerged from the data. The research enlarge the understanding of this developmental transition and challenges a reorientation of the practices of the health professionals towards the inclusion of the male figure in prenatal care.

Keywords: men; fathers; pregnancy; nursing

1 Introdução

O processo transformativo de tornar-se pai implica reorganização e adaptação psicológica, a fim de incorporar as novas exigências na identidade paterna em construção (Genesoni & Tallandini, 2009; Kowlessar, Fox, & Wittkowski, 2015), suscetíveis de produzir descompensação e vulnerabilidades no homem.

Pese embora o homem possa familiarizar-se com a relação pai/filho e os cuidados parentais durante o período gestacional (Deave, Johnson, & Ingram, 2008; Tehrani, Bazzazian, & Nayeri, 2015), muitos homens não estão preparados para a transição para a paternidade, nem para as adaptações familiares requeridas, e isso acresce implicações importantes para toda a família (May & Fletcher, 2013). A literatura elenca implicações para o casal, para a relação pai/filho e para o desenvolvimento do bebé (Bawadi, Qandil, Al-Hamdan, & Mahallawi, 2016), destacando uma associação positiva entre

o envolvimento do homem desde fases precoces da gravidez e o seu bem-estar psicológico, bem como o de todo o agregado familiar (Plantin, Olukoya, & Ny, 2011).

O envolvimento dos homens é perspectivado como uma estratégia prioritária para os serviços de saúde materno fetal (WHO, 2015), mas vários relatos masculinos testemunham uma realidade diferente, com experiências de exclusão pelos profissionais de saúde (Darwin et al., 2017; Steen, Downe, Bamford, & Edozien, 2012). Paralelamente, na multifacetada sociedade atual, um novo ritual de passagem para a paternidade parece estar a emergir, caracterizado não apenas pelo envolvimento dos homens na gravidez e parto, mas também abraçando as áreas do cuidado físico e emocional das crianças (Castoldi, Gonçalves, & Lopes, 2014; Draper, 2003).

O estudo das transições requer particular atenção no âmbito da saúde porque a vulnerabilidade das pessoas em transição pode repercutir-se na sua saúde e bem-estar. Na adaptação à paternidade, em particular, além dos riscos que decorrem do processo de transição (como em qualquer outra), acresce a contingência da qualidade da interação e relação pai/filho poder, desde logo, ficar comprometida.

Esta investigação surge no contexto de aprofundamento deste fenómeno, procurando dar resposta à questão de investigação *“Como é vivenciado pelo homem o processo de transição parental, durante o período pré-natal?”*. Pretende-se compreender as vivências da transição para a paternidade, durante o período pré-natal, de pais pela primeira vez.

2 Metodologia

Ao colocarmos a questão de investigação norteadora do estudo, procuramos explorar o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos, que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis matemáticas. A variedade e a complexidade das variáveis envolvidas no processo de transição para a paternidade, onde o significado adquire uma função estruturante em torno daquilo que as coisas significam (Turato, 2005), ditou a nossa opção por uma abordagem metodológica qualitativa.

A pesquisa qualitativa permite a compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva das pessoas sob investigação e a recolha de dados ricos em pormenores descritivos, possibilitando a acessão à riqueza da experiência humana (Bogdan & Biklen, 2013) e a exploração de como as pessoas dão sentido ao mundo que as cerca (Flemming & Briggs, 2007).

Tratando-se de um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, optámos por realizar um estudo exploratório (Sampieri, Collado, & Lúcio 2006), de carácter descritivo, que permite caracterizar, descrever, interpretar e analisar o fenómeno e, simultaneamente, entender as implicações do problema tal como são descritas pelos participantes (Fortin, 2009).

O estudo foi desenvolvido com pais que se encontravam a realizar o Curso de Preparação para a Parentalidade (CPP) numa Unidade de Cuidados na Comunidade (UCC) da região norte de Portugal, a quem solicitámos autorização. A escolha desta unidade de saúde teve subjacente um critério de conveniência, pela proximidade geográfica do local onde desenvolvemos a nossa prática profissional. A integração neste Curso facilitou o acesso aos participantes.

A participação no estudo obedeceu aos critérios de inclusão: homens a vivenciar pela primeira vez a gravidez da parceira, no último trimestre de gravidez, em regime de coabitação e gestação sem patologia materno-fetal, e que aceitaram participar.

Tendo por base as premissas de que a investigação qualitativa não tem como finalidade a generalização de resultados e de que as amostras devem ser pequenas devido ao volume de dados

que geram (Fortin, 2009), sendo a adequação dos dados mais importante que a sua expressividade, o número de participantes ou representatividade da amostra foi determinado por saturação de dados. Constituíram a amostra do estudo 10 homens com idades compreendidas entre os 27 e os 40 anos, 8 casados e 2 a viverem em união de facto, com profissões diversificadas (2 empresários, 1 professor de educação física, 1 enfermeiro, 1 médico, 1 electricista, 2 agentes imobiliários, 1 vendedor e 1 operário fabril) e grau de escolaridade entre o 11^o ano e a licenciatura. As companheiras grávidas tinham idades gestacionais entre as 33 e 38 semanas, aquando da colheita de dados.

Como técnica de recolha de informação, a nossa opção recaiu sobre a entrevista semiestruturada, por permitir aos participantes responderem de acordo com as suas perspetivas e vivências pessoais, facilitando, desta forma, a expressão de sentimentos e opiniões. Entendemos que esta técnica permitiria reconduzir a entrevista em função do que era pretendido, sem nunca retirar a liberdade ao entrevistado. A riqueza dos dados, aquando da sua utilização, reside num discurso impregnado dos sistemas de valores, processos cognitivos, representações, emoções e afetividades do participante.

A construção do guião da entrevista foi suportada pela a revisão dos conhecimentos teóricos e empíricos a propósito da problemática em estudo. No sentido de validarmos a compreensibilidade das questões, realizámos duas entrevistas exploratórias como pré-teste.

Os dados foram colhidos no terceiro trimestre de gestação, numa única entrevista (estudo transversal), mas com carácter retrospectivo, procurando aceder às vivências que ocorreram desde o momento da concepção, ou mesmo antes deste. A justificação para a colheita de dados na reta final da gravidez prendeu-se com o objetivo do estudo, *“Compreender as vivências da transição para a paternidade, durante o período pré-natal”*. Considerámos que este levantamento de dados no terceiro trimestre permitiria ao homem experienciar grande parte da gravidez da companheira e contactar com os serviços de saúde responsáveis pela vigilância da gravidez no pré-natal, adquirindo, por isso, uma bagagem experiencial mais vasta e profunda. Além disso, a literatura tem vindo a destacar o terceiro trimestre de gestação como um período em que o homem se sente mais preparado para a paternidade (Kowlessar, 2012).

As entrevistas decorreram durante os meses de fevereiro a abril de 2017, em data, local e hora escolhidos pelos participantes, de acordo com as suas disponibilidades e preferências. Em média, tiveram uma duração de uma hora. Todas as entrevistas foram gravadas, para evitar perdas e distorção da informação, e, subsequentemente, transcritas, na íntegra, pela investigadora. A cada entrevista foi atribuída a letra “E”, seguida de numeração crescente.

O processo de tratamento e análise de dados teve início logo que realizámos as primeiras entrevistas, procurando adotar uma mente aberta e isenta de preconceitos. Optámos pela análise de conteúdo como técnica de análise de dados, a qual, segundo Bardin (2018), compreende três etapas: a pré-análise, a exploração do material/codificação e, por último, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase da organização propriamente dita, em que se organiza o material a ser analisado, de modo a torná-lo operacional e sistematizar as ideias iniciais. Corresponde a um período de intuições que permite orientar um esquema preciso para o desenvolvimento das etapas seguintes.

A exploração do material/codificação consiste na transformação sistemática dos dados brutos e agregação em unidades que permitem a descrição das características pertinentes ao conteúdo do texto. Trata-se de uma etapa morosa, em que se definem as categorias e sua codificação, e se procede à efetivação das decisões tomadas na pré-análise.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação, última etapa da análise de conteúdo, procura-se colocar em relevo as informações fornecidas pela análise. Fazem-se inferências, onde se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceites como

verdadeiras (Oliveira, 2008), e estas inferências levam a interpretações. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica dá sentido à interpretação.

A codificação compreende três escolhas: o recorte (unidades de registo ou de significação e unidades de contexto), a enumeração e a categorização (Bardin, 2018). Considerando o objeto e objetivo do estudo, o tema foi a unidade de registo selecionada. Este é considerado indispensável em estudos sobre representações, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças, correspondendo a uma regra de recorte do sentido e não da forma (Bardin, 2018).

O critério de categorização adotado nesta análise foi o semântico, originando categorias temáticas. As categorias não foram criadas *a priori* (Bardin, 2018), mas tomaram forma no curso da própria análise (abordagem indutiva). Para terem qualidade, respeitaram as seguintes características (Bardin, 2018): exclusão mútua, que implicou que cada elemento só pudesse existir numa categoria; homogeneidade, tendo tido um único princípio de classificação a governar a organização das categorias; pertinência, comprovando a adaptação ao material de análise escolhido, segundo um quadro teórico definido; objetividade e fidelidade, demonstrando que as diferentes partes do mesmo material, mesmo quando submetidas a várias análises foram codificadas da mesma maneira; produtividade, tendo originado categorias cujos resultados foram férteis em inferências e dados relevantes para a prática de Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica.

A avaliação do sistema de categorização foi certificada pelos orientadores.

Todo o processo de tratamento e análise de dados foi realizado com recurso ao programa Qualitative Solutions Research (QSR) NVivo, versão 11.0, o qual se revelou muito útil na gestão de dados e na sistematização do conhecimento conceitual e teórico gerado no decorrer do processo interpretativo, favorecendo a representação visual das relações entre conceitos, categorias e temas, e reduzindo, por outro lado, o esforço e o tempo despendidos nas tarefas operacionais subjacentes ao processo de tratamento e análise de dados.

Esta investigação foi aprovada pela Comissão de Ética para a Saúde da ARS Norte e pela Comissão Nacional de Proteção de Dados. A participação no estudo foi voluntária. Todos os participantes foram previamente informados sobre o objeto e objetivo do mesmo, e tomaram conhecimento de que, em qualquer momento, podiam optar por não prosseguir com a sua participação, ou mesmo desistir, sem que daí resultasse qualquer prejuízo, tendo decidido livremente acerca da sua participação. O consentimento informado, livre e esclarecido foi obtido, por escrito, por parte de todos os participantes, conforme modelo proposto pela ARS Norte.

Para salvaguardar o anonimato dos participantes, bem como a confidencialidade dos dados obtidos através deles, as entrevistas foram codificadas. A cada código de identificação correspondeu a identificação real dos inquiridos, informação apenas disponível à investigadora. Em todos os trabalhos de disseminação dos resultados foram sempre usados nomes fictícios. Quaisquer referências que permitissem a identificação dos participantes foram omitidas. Nenhum conteúdo das entrevistas foi partilhado com profissionais de saúde da UCC selecionada. As gravações áudio das entrevistas foram destruídas após a conclusão do tratamento e análise dos dados.

3 Resultados

Três temas emergem deste estudo, “experienciar da transição”, “desenvolvimento da identidade como pai” e “(des)construção de pontes para a transição”, clarificando a transição desenvolvimental do tornar-se pai. Evidenciam o período pré-natal como momento chave da transição para a paternidade, marcado pela enorme exigência psíquica e emocional e afigurando-se como motor do

desenvolvimento da identidade paterna. As categorias que integram cada um destes temas constam da tabela 1.

Tabela 1. Temas e categorias resultantes da análise de dados.

Temas	Categorias
Experienciar da transição	Aceitação da realidade Envolvimento na gravidez Mudanças sentidas Respostas emocionais
Desenvolvimento da identidade como pai	Redefinição de valores e prioridades Significado do papel paterno Sentido de responsabilidade Reflexão sobre as experiências enquanto filho Sentir-se pai
(Des)construção de pontes para a transição	Suporte recebido Procura de informação Experiência prévia com bebés Sentir-se preparado para ser pai Filho um objetivo de vida Significado atribuído à transição Exclusão da figura paterna

3.1 Experienciar da transição

Experienciar da transição é um tema que descreve o percurso de organização e adaptação que o homem atravessa ao longo da gravidez, desde o período inicial de aceitação da realidade até à aceitação e ao desenvolvimento do sentimento de apego e pertença pelo feto.

Acontecimentos como as ecografias e a perceção dos movimentos fetais destacam-se como eventos major desta experiência. Os homens expressam o seu envolvimento na gestação demonstrando compromisso e responsabilidade e estando presente: “Tenho participado 100% na gravidez, sem dúvida nenhuma, tenho ido às consultas todas. Tenho-me esforçado por ir a todas (...) porque é o meu filho, eu quero participar em tudo, eu quero ver tudo, não sei se num segundo filho será assim, mas neste momento é assim, eu quero ir e participar em tudo. Tenho participado nessas experiências todas, umas é para tirar sangue, outras é para as vacinas.” E(9). Durante a gravidez, os futuros pais percebem mudanças nas diversas áreas da sua vida e equacionam mudanças expectáveis após o nascimento do filho, “eu acredito que ela vai ficar mais voltada para a filha do que para mim mas é normal que assim seja” E(6). As reações emocionais reportadas são intensas e diversificadas, tornando a gravidez um período complexo e exigente do ponto de vista psicoemocional. Oscilam entre reações emocionais positivas, como alegria e felicidade “saber que ela estava grávida foi uma alegria, foi uma emoção bastante grande.” E(7), e respostas emocionais negativas, como medo, ansiedade, insegurança e preocupação, “A preocupação que me consome é mesmo a saúde da bebé, só quero que ela esteja bem.” E(10).

3.2 Desenvolvimento da identidade como pai

O tema desenvolvimento da identidade como pai captura a essência da jornada de desenvolvimento pessoal que o homem empreende ao longo da gravidez e que lhe vai permitir preparar-se para assumir novos papéis e novas responsabilidades. Durante esta jornada, os homens perspetivam a vida de uma forma diferente e redefinem valores e prioridades pessoais no contexto de ser pai,

“acho que começamos a olhar a nossa vida de um modo diferente, se calhar a dar prioridade a outras coisas que antes da gravidez não dávamos, nomeadamente no trabalho, às vezes focamos muito no trabalho e depois, quando sabemos que vamos ser pais, acho que começamos a pensar naquilo que temos de alterar na nossa vida” E(2).

A gravidez despoleta o amadurecimento psicológico e o aumento da responsabilidade: “Responsabilidade aumenta agora que vou ser pai, eu sinto isso, mas é uma responsabilidade boa porque eu sempre quis ser pai” (E1), e instiga o homem a um exercício reflexivo de construção cognitiva do modelo parental que deseja para o futuro. A construção da identidade enquanto pai é permeada pela história individual de cada homem e seus padrões familiares, seja para negá-los, confrontá-los ou confirmá-los: “Penso muito nisso, penso na educação, penso no que foi a minha educação e naquilo que poderia ter sido diferente, e digamos que posso tentar evitar alguns erros, alguma coisa que podia ter sido melhor na minha e tentar agora fazer melhor para ele” E(4). Para alguns homens, o sentir-se pai emerge com a notícia da gravidez, “o primeiro teste, quando fizemos o primeiro teste senti ser pai, senti que há algo ali, é um ser ali”. E(8), mas, para outros, apenas o parto, que ainda não aconteceu, mas está próximo, permitirá a fundação identitária: “eu se calhar só me vou sentir completamente pai no dia em que a minha filha nascer.” E(10).

3.3 (Des)construção de pontes para a transição

A (des)construção de pontes para a transição é um tema que procura explicitar as condições que favorecem ou, contrariamente, obstaculizam a vivência de uma transição para a paternidade positiva pelos homens. A forma como a transição para a paternidade é percebida pelos homens, isto é, o significado atribuído à transição, favorece a fundação de expectativas positivas acerca do processo de tornar-se pai. Além disso, a maioria dos futuros pais sentem-se apoiados nesta transição, sendo o cônjuge, a família, “os nossos pais e também os nossos irmãos (...) Sempre que a gente precisar de alguma coisa, estão sempre a ligar (...) É importante o apoio da família neste processo que estou a passar agora e tenho sentido muito esse apoio, é uma coisa boa a gente sentir que a família está do nosso lado.” E(5), e os amigos as principais fontes suporte.

Durante a gravidez, e com o intuito de otimizarem a resposta aos desafios da paternidade, os homens canalizam energias e tomam a iniciativa de procurar informação junto de amigos, que já são pais, na internet, “eu também tive o cuidado de fazer algumas pesquisas na internet para ter alguma informação porque tento informar-me o máximo possível dentro disso” E(9), ou em livros.

No que tange à preparação para a paternidade iminente, o facto de se tratar de uma primeira gravidez não permite que os homens se sintam completamente preparados para serem pais: “ninguém está preparado para ser pai, pelo menos pela primeira vez acho que ninguém está, ninguém sabe o que é que é, a gente só sabe aquilo que nos dizem” E(6).

O conhecimento experiencial que provém da experiência prévia com bebés cria pontes para a paternidade, ao capacitar o homem para o desempenho do papel de pai. Em oposição, experiências muito limitadas ou a ausência de experiências de cuidar de crianças, despertam ansiedade, “Realmente não tenho essa experiência de tomar conta de bebés, de ficar a meu encargo. A relação que tenho é de ficar um bocadinho, mas não ficar responsável por eles e realmente, pronto, provoca mais ansiedade por causa disso.” E(4).

A prática do cuidar nas consultas pré-natais é, na perspetiva dos futuros pais, uma prática pouco inclusiva da figura paterna. A distância sentida face aos profissionais de saúde e cuidados que prestam faz com que o homem se caracterize como a “personagem” secundária da história:

“sinto que estou ali a fazer o meu papel de pai, e que olham para mim como alguém que está ao lado da mãe apenas, não tenho outro tipo de participação (...) na prática nós somos mesmo a personagem secundária da história” E(7). Apresentam, por isso, algumas sugestões de melhoria para se poderem sentir efetivamente envolvidos na vigilância pré-natal. Uma das mais importantes prende-se com os horários das consultas, reconhecendo que não estão equacionados para favorecer a presença masculina, mesmo que haja vontade de participação: “Mais uma vez é os horários, ou é de manhã ou durante a manhã, ou durante a tarde (...) Gostava, claro que gostava, mas não dá, e depois ela lá me vai passando as informações e eu gosto de a ouvir” E(8).

4 Discussão

Na construção da identidade paterna no período pré-natal, este estudo destacou que os homens expressam o desejo de viver de acordo com o exemplo dos seus próprios pais e, sobretudo, serem diferentes e melhores para o filho do que os seus próprios pais tinham sido para eles. Nesta linha de pensamento, a metasíntese de Goodman (2005) confirma que a maioria dos homens expressa o desejo de ser diferente do seu antecessor, quando o percebe como distante ou não envolvido, enquanto ele deseja estar emocionalmente ligado ao seu filho.

Também a revisão realizada por Habib, em 2012, conclui que a perceção de uma experiência inadequada ou insatisfatória com o seu próprio pai parece dar um impulso ao homem no sentido de adotar um relacionamento mais próximo com o seu próprio filho. A reflexão sobre a experiência enquanto filho favorece o ajuste psicológico ao papel paterno e irá influenciar o estilo parental futuro (Chin, Hall, & Daiches, 2011; Condon, Boyce, & Corkindale, 2004). Esta reflexão sobre a infância constitui uma reação normal face à paternidade iminente e permite solidificar a autoimagem mental do tipo de pai que o homem pretende vir a ser (Kowlessar et al., 2015). Desenvolver a identidade enquanto pai envolve um complexo trabalho subjetivo, consciente e inconsciente, de elaborar as heranças recebidas dos próprios pais e decidir se as transmitirá aos filhos (Castoldi, Gonçalves, & Lopes, 2014).

O período de gestação permite construir e sedimentar o papel de pai. Os homens, além de perceberem mudanças já durante esta fase e anteverem uma panóplia de mudanças futuras, que implicam necessariamente um reajuste no seu quotidiano físico e psíquico, confirmam a gravidez como um período emocionalmente complexo, fruto de emoções fortes e conflitantes (Poh, Koh, & He, 2014). Na mesma linha ideológica, Tehrani et al. (2015) salientam uma experiência masculina acompanhada por sentimentos mistos de admiração, descrença, ansiedade, medo e insegurança, além de sentimentos de felicidade, emoção, alegria e orgulho. A ansiedade regista um aumento constante à medida que o nascimento se aproxima.

Durante a gravidez, os homens assumem uma postura pró-ativa e tentam envolver-se no processo gravídico, mas encontram obstáculos e não pontes para a sua transição. As narrativas masculinas dos participantes aludem a uma atitude que permeia os serviços pré-natais com enfoque apenas na mulher e no feto, tal como comprovado em outras investigações (Åsenhed, Kilstam, Alehagen, & Baggens, 2014), o que alguns autores denominam de mother-centrism (Ball, 2009). O envolvimento ativo dos homens na gravidez está associado a benefícios a longo prazo, quer na saúde, quer a nível social para a mãe, o bebé e a família (Steen et al., 2012). Os melhores resultados em saúde materna prendem-se com a redução do stress materno e a adoção de comportamentos maternos positivos (Yargawa & Leonardi-Bee, 2015).

O estudo de Zvara, Schoppe-Sullivan e Dush (2013) mostra associação entre o envolvimento do homem no pré-natal e pós-natal. Os autores apontam que o envolvimento pré-natal permite a reflexão e fomenta a motivação para o envolvimento masculino no pós-parto. Os homens que têm

maiores oportunidades de experiências pré-natais, como ouvir os batimentos cardíacos e visualizar as ecografias, conseguem desenvolver um compromisso precoce e persistente com o papel de pai. O envolvimento do homem no pré-natal, nomeadamente o acompanhar a grávida nas consultas durante a gravidez, representa a correlação mais forte do envolvimento direto dos pais nos cuidados infantis no pós-parto (Zvara et al., 2013).

Apesar desta evidência científica sobre o envolvimento precoce do homem no pré-natal ser clara, ao assumir vantagens a vários níveis, não se verifica a sua transferibilidade para a prática clínica dos profissionais de saúde, continuando os homens a serem invisíveis nos cuidados pré-natais. A atitude dos profissionais de saúde, ao fomentarem o papel passivo do homem ou encará-lo como personagem invisível nos cuidados pré-natais, pode contribuir para a manutenção da visão de homem tradicional, afastado dos aspetos do cuidar. A lente estereotipada com que o homem é encarado traduz-se numa prática baseada no género, com discriminação masculina.

Experiências de exclusão no contacto com serviços pré-natais são também descritas em outras pesquisas (Darwin et al., 2017; Deave & Johnson, 2008; Fenwick, Bayes, & Johansson, 2012; Finnbogadóttir, Svalenius, & Persson, 2003), onde os homens reportam que as suas necessidades emocionais e psicológicas são negligenciadas, se sentem excluídos das avaliações e orientações pré-natais, afetando a perceção de segurança para a assunção das funções de pai (Deave & Johnson, 2008; Steen et al., 2012). Em oposição, os homens que são reconhecidos na sua nova posição de futuros pais e que experienciam apoio emocional durante a gravidez apresentam melhor saúde física e psicológica (Plantin et al., 2011).

5 Conclusões

A presente investigação teve por base a problemática da transição para a paternidade, em pais pela primeira vez, durante o período pré-natal. A opção pela abordagem qualitativa, com carácter exploratório-descritivo, proporcionou uma base holística de compreensão que perspetiva a complexidade deste processo desenvolvimental e permite desvendar algumas formas de atuação para incluir os homens no projeto que representa a chegada de um filho.

A experiência dos homens ao longo da gravidez reveste-se de uma enorme profundidade psíquica e emocional, durante a qual os homens adotam uma atitude interventiva e de participação ativa nas atividades pré-natais, sentem-se seres em mudança e experienciam uma panóplia de sentimentos e emoções positivos e negativos, por vezes ambivalentes, em resposta à gestação da companheira. Em acréscimo, confrontam-se com obstáculos e sentem-se periféricos nos cuidados, evidenciando ambientes frágeis que dificultam um envolvimento mais profundo na paternidade e podem comprometer a superação do processo de transição.

Importa, por isso, repensar a vigilância pré-natal, revestindo-a de uma abordagem ativa e mais assertiva na interação com os homens, que providencie apoio e resposta às suas necessidades, promova orientação e suporte antecipatório sobre a função parental e permita aos futuros pais desenvolverem competências para o exercício do novo papel.

Tratando-se de um estudo qualitativo, os resultados não podem ser generalizados, remetendo-nos para uma realidade contextual. O facto de a amostra ser constituída apenas por pais cujas companheiras frequentaram o Curso de Preparação para a Parentalidade não nos permite saber se os pais com companheiras que não o frequentem têm as mesmas vivências, pelo que, a título de sugestão, seria pertinente alargar o estudo a esta população de pais. Estudos comparativos com pais pela primeira vez e pais com experiência poderiam ser também desenvolvidos, assim como poderia ser alargada a investigação a outros estádios do processo de transição para a paternidade, numa

lógica longitudinal. Outra linha de pesquisa futura poderia explorar, na perspectiva dos profissionais de saúde, os motivos da exclusão da figura paterna do período pré-natal.

Referências

- Åsenhed, L., Kilstam, J., Alehagen, S., & Baggens, C. (2014). *Becoming a father is an emotional roller coaster—an analysis of first-time fathers' blogs*. *Journal of clinical nursing*, 23(9-10), 1309-1317.
- Ball, J. (2009). Fathering in the shadows: Indigenous fathers and Canada's colonial legacies. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 624(1), 29-48.
- Bardin, L. (2018). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bawadi, H. A., Qandil, A. M., Al-Hamdan, Z. M., & Mahallawi, H. H. (2016). The role of fathers during pregnancy: A qualitative exploration of Arabic fathers' beliefs. *Midwifery*, 32, 75-80.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (2013). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo*, 19(2), 247-259.
- Chin, R., Hall, P., & Daiches, A. (2011). Fathers' experiences of their transition to fatherhood: a metasynthesis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 29(1), 4-18.
- Condon, J. T., Boyce, P., & Corkindale, C. J. (2004). The first-time fathers study: A prospective study of the mental health and wellbeing of men during the transition to parenthood. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 38(1-2), 56-64.
- Darwin, Z., Galdas, P., Hinchliff, S., Littlewood, E., McMillan, D., McGowan, L., & Gilbody, S. (2017). Fathers' views and experiences of their own mental health during pregnancy and the first postnatal year: a qualitative interview study of men participating in the UK Born and Bred in Yorkshire (BaBY) cohort. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 17(1), 1-15.
- Deave, T., & Johnson, D. (2008). The transition to parenthood: what does it mean for fathers? *Journal of Advanced Nursing*, 63(6), 626-633.
- Deave, T., Johnson, D., & Ingram, J. (2008). Transition to parenthood: the needs of parents in pregnancy and early parenthood. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 8(1), 1-11.
- Draper, J. (2003). Men's passage to fatherhood: an analysis of the contemporary relevance of transition theory. *Nursing Inquiry*, 10(1), 66-78.
- Fenwick, J., Bayes, S., & Johansson, M. (2012). A qualitative investigation into the pregnancy experiences and childbirth expectations of Australian fathers-to-be. *Sexual & Reproductive Healthcare*, 3(1), 3-9.
- Finnbogadóttir, H., Svalenius, E. C., & Persson, E. K. (2003). Expectant first-time fathers' experiences of pregnancy. *Midwifery*, 19(2), 96-105.
- Flemming, K., & Briggs, M. (2007). Electronic searching to locate qualitative research: evaluation of three strategies. *Journal of Advanced Nursing*, 57(1), 95-100.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação* (3a ed). Loures: Lusodidacta.

- Genesoni, L., & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989-2008. *Birth, 36*(4), 305-318.
- Goodman, J. H. (2005). Becoming an involved father of an infant. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing, 34*(2), 190-200.
- Habib, C. (2012). The transition to fatherhood: A literature review exploring paternal involvement with identity theory. *Journal of Family Studies, 18*(2-3), 103-120.
- Kowlessar, O. (2012). *A qualitative exploration of men's transition to fatherhood and experiences of early parenting* (doctoral dissertation). University of Manchester, Manchester, England.
- Kowlessar, O., Fox, J. R., & Wittkowski, A. (2015). The pregnant male: a metasynthesis of first-time fathers' experiences of pregnancy. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 33*(2), 106-127.
- May, C., & Fletcher, R. (2013). Preparing fathers for the transition to parenthood: Recommendations for the content of antenatal education. *Midwifery, 29*(5), 474-478.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem da UERJ, 16*(4), 569-576.
- Plantin, L., Olukoya, A. A., & Ny, P. (2011). Positive health outcomes of fathers' involvement in pregnancy and childbirth paternal support: a scope study literature review. *Fathering, 9*(1), 87-102.
- Poh, H. L., Koh, S. S. L., & He, H. (2014). An integrative review of fathers' experiences during pregnancy and childbirth. *International nursing review, 61*(4), 543-554.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lúcio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3a ed.). São Paulo: McGraw Hill Book Company.
- Steen, M., Downe, S., Bamford, N., & Edozien, L. (2012). Not-patient and not-visitor: a metasynthesis fathers' encounters with pregnancy, birth and maternity care. *Midwifery, 28*(4), 422-431.
- Tehrani, S. G., Bazzazian, S., & Nayeri, N. D. (2015). Pregnancy experiences of first-time fathers in Iran: a qualitative interview study. *Iranian Red Crescent Medical Journal, 17*(2), e12271.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde pública, 39*(3), 507-514.
- World Health Organization. (2015). *WHO recommendations on health promotion interventions for maternal and newborn health 2015*. Genebra: World Health Organization.
- Yargawa, J., & Leonardi-Bee, J. (2015). Male involvement and maternal health outcomes: systematic review and meta-analysis. *Journal of Epidemiology and Community Health, 69*(6), 604-612.
- Zvara, B. J., Schoppe-Sullivan, S. J., & Dush, C. K. (2013). Fathers' involvement in child health care: associations with prenatal involvement, parents' beliefs, and maternal gatekeeping. *Family Relations, 62*(4), 649-661.